Espiritualismo e Espíritos [*]

Nils JACOBSON, M.D.,

Mas ainda que o mundo espiritual exista,
embora possa agir, não pode provar-se como um fato.
E mesmo que Deus apareça
em seu trono de poder, o pensamento será
um único: "Alucinação!" — muitos insistirão.

V. Rydberg

Trecho de uma discussão sobre a morte, durante um programa de TV: "Que se tenha de morrer, ficar reduzido a nada, não tomar parte de mais nada... Acho que isto é um destino maldito!"

O problema da morte, entretanto, não se torna agudo e importante, até que alguém morre.

> Caso 42a. Minha mulher, que eu amava sobre todas as coisas, morreu em 1966. Até então eu era como todos os outros, vivendo no presente, mais interessado no mundo sensorial e sempre deixando de lado o problema da morte, como faria qualquer pessoa vagamente feliz. Mas quando ela desencarnou, meu desespero foi tão profundo que quase dei cabo de minha vida. Não via saída daquela escuridão: só lutara e vivera para ela e minha família. Os ensinamentos da Igreja não puderam proporcionar-me qualquer conforto. Suas características semi-medievais e, sobretudo, a atitude de auto-satisfação complacente de seus representantes eliminaram a possibilidade de compartilhar as suas idéias. Fiquei só como um eremita no deserto, ou como a maior parte das pessoas que perdem a razão de viver. Ninguém me visitava; ninguém podia responder à pergunta que me preocupava: continuava ela a viver ou não? Os médicos só conseguiam oferecer-me licenças para faltar ao trabalho e pílulas para dormir. Todas as religiões falam de outro mundo além do das coisas materiais, mas nada me informaram sobre ele.
>
> Então procurei uma médium, senhora encantadora, de seus setenta anos, para uma sessão. Eram tantas as dúvidas que pedi para permanecer no anonimato. Levei um gravador comigo. A senhora entrou em transe, e, naquele estado, contou-me uns trinta fatos que não poderia absolutamente ter conhecido antes, já que eu não declinara meu nome, nem de onde vinha. Finalmente, ela mencionou o nome de minha mulher, e disse: "Se quiser que eu seja feliz, precisa continuar a viver e a fazer amigos!" A senhora contou-me como a via: entre folhas de papel. Soube imediatamente. .. eram poemas meus. Maravilhado, retirei-me. Cheguei à conclusão de que deveria continuar a viver — embora isso não fosse fácil —, porque eu a queria feliz. Onde os conceitos religiosos não puderam ajudar, o contato com um médium funcionou.

Este homem foi ajudado em sua dor por um médium do movimento espírita. Investigaremos que tipo de informação sobre a morte tal movimento fornece.

O movimento espírita moderno começou por volta de 1850 em uma pequena aldeia dos Estados Unidos. Na casa de uma família, podiam-se ouvir misteriosas batidas nas paredes, que pareciam ser orientadas por alguma inteligência; respostas a perguntas eram dadas por um certo número de batidas, e um "espírito" se anunciou. (As pessoas que eram dadas como vivendo após a morte passaram a ser chamadas de "espíritos" pelo movimento).

O fenômeno despertou grande atenção e, "meio como um jogo de conversa, meio como feitiçaria espontânea, os espíritos que batiam nas paredes se espalharam pelos Estados Unidos". Fundaram-se círculos espíritas que promoviam sessões para entrar em contato com os mortos, e novos fenômenos se produziram. O interesse chegou ao auge na passagem do século e depois começou a diminuir, mas a Primeira Guerra Mundial, com suas muitas mortes, fez explodir a onda. O número de adeptos em todo o mundo pode ser contado aos milhões[1].

A palavra "espírita" tem uma conotação ruim por alguma razão, e seus seguidores denominam-se agora "espiritualistas". Doravante, passaremos a utilizar este termo.

Vale mencionar a declaração de princípios do movimento espiritualista sueco: "O espiritualismo é um movimento forte, neutro religiosa e politicamente, cujo conceito básico é que a humanidade crê em uma vida corpórea após a morte... Volta-se em parte à difusão de informações através de conferências, literatura, etc, e em parte a sessões e ao trabalho em círculos de desenvolvimento e de meditação" [3].

Fenômenos em Sessões

As sessões são a parte do espiritualismo mais conhecida dos leigos, mas, ao mesmo tempo, há grande confusão sobre o que nelas ocorre. Muitos parecem acreditar que as sessões são algo temível e perigoso, mas esse já não é o caso dos que têm algum grau de estabilidade psíquica.

Em uma sessão, as pessoas se reúnem em torno de um médium: o número de participantes pode variar de um a centenas. A sessão se inicia e termina com meditação, música, orações e cântico de salmos, dependendo da filiação religiosa do grupo. O médium pode permanecer acordado, mas, na maioria das vezes, entra em transe, o que, em princípio, parece envolver um estado auto-hipnótico. A sessão propriamente dita começa com uma conversa em transe, forma de sermão que se supõe vir do "guia" do médium, um espírito do "outro lado" cuja missão específica é a de ajudar e manter o médium nesse processo. O guia, ou outra alma, pode também funcionar como presidente da sessão, ou controle, podendo "baixar" outras almas, muitas vezes ditas como se estivessem em fila, ansiosas para entrar em contato com os vivos.

Pergunta: "Se eu for a uma sessão posso ter certeza de que irei encontrar-me com um parente?"

Resposta: "Ninguém pode saber antecipadamente com quem entrará em contato. Se nossos entes queridos do outro lado quiserem entrar em contato conosco, virão. Eles é que nos procuram. Não podemos procurá-los".

O transe, na conversa inicial, costuma ser belo e inspirado, mas muitas vezes extremamente rebuscado. Durante sessão, percebi que a fala em transe me parecia muito familiar: lembrou-me, em forma e conteúdo, uma conferência concedida por um escritor que eu conhecia. Mais tarde, soube que o médium também ouvira aquela conferência.

Depois das palavras iniciais, o médium permanece sentado ou anda entre os participantes, descrevendo impressões visuais e auditivas das almas. Estas impressões são consideradas clarividência e clariaudiência. Exemplo: "Uma senhora idosa, em vestido longo vermelho, cabelos brancos, está ao lado de Erik. Ela sorri docemente. O nome é Anna. Manda lembranças, está bem". E Erik alegremente reconhece sua tia Anna.

Muitas vezes a informação é mais precisa e só poderia ser conhecida pelo morto e um parente em particular. Por exemplo, através do médium, tia Anna pode descrever um pequeno presente que Erik lhe deu uma vez, e do qual ele próprio já quase se esquecera. Pelo médium, a conversa entre Erik e Anna pode se desenvolver. O parente que está vivo recebe conselhos e ajuda.

Muitas vezes a voz do médium pode se alterar completamente, dizendo-se, neste caso, que ele fala com "voz direta", lembrando o desaparecido. Era comum, nos dias de ouro do espiritualismo na Europa, a ocorrência dos chamados fenômenos físicos, sobretudo as "materializações". Vultos brancos, que claramente lembravam os mortos, tomavam forma à vista dos participantes das sessões e podiam até mesmo ser fotografados. Infelizmente, estes fenômenos parecem ter desaparecido completamente agora, logo quando poderíamos gravá-los e estudá-los.

Vários médiuns foram apanhados trapaceando, especialmente em relação às materializações, mas há outros que foram investigados por pesquisadores durante décadas sem que fizessem qualquer tentativa de fraude. É difícil, portanto, afirmar quando alguma materialização é genuína ou quando se trata de fraude. Um dos críticos, Ducasse, conseguiu tirar uma fotografia de uma materialização. Poul Bjerre, que era muito cético quanto à crença nos espíritos, convenceu-se, depois de várias experiências pessoais, de que as materializações poderiam ser fenômenos verdadeiros[4].

Pela "voz direta", escassamente noticiada agora, podem ser utilizados pequenos trompetes, seguros pelo médium ou livremente flutuando no ar. As sessões geralmente se realizam de dia, mas, para aquelas nas quais aparecem fenômenos físicos, a sala é escurecida ou iluminada apenas por uma fraca vela vermelha. As vozes, que se diz virem dos espíritos, são ouvidas dos trompetes. Neste caso, os espíritos falam diretamente, sem utilizar os órgãos da fala do médium.

Uma das mais notáveis fábricas do mundo está na cidade de Columbus, Ohio, EUA. Lá, "auxiliares" de espiritualistas são produzidos em esteiras transportadoras: trompetes para "voz direta", que dançam livres no ar; espíritos "reais" em tamanho natural; "ectoplasmas" às dúzias; e vários modelos de corpos astrais. Em outras palavras: ali há tudo de que necessita um "médium" para realizar uma sessão espiritualista. Agora, os falsos médiuns de todo o mundo fazem pedidos a esta firma. Estes falsos médiuns, que operam em quase todos os países, parecem, assim, estabelecer contato com "o outro lado" e deixar que gente ingênua, crente e sofredora acredite estar se reencontrando com seus parentes, embora na verdade as manifestações tenham vindo pelo reembolso postal dos EUA!

> Compramos material para uma sessão de brincadeira de uma hora, e podemos assegurar que os efeitos são fantásticos. Pessoas que não conheciam o segredo acreditavam estar vendo um verdadeiro milagre. Um número era tão horrível que os cabelos literalmente se arrepiaram e tivemos de acender as luzes rapidamente, bem como mostrar os "espíritos", que na maior parte eram feitos de material luminoso[4].

O fato de poder-se comprar "espíritos em caixas" nada mais prova do que o fato de existir fraude, o que se sabe desde o início do espiritualismo. Mas não prova que todos os fenômenos ditos paranormais na história do espiritualismo sejam falsos.

Mesmo que a materialização pudesse ser investigada toda novamente e se chegasse à conclusão de que é genuína, ainda assim não se comprovaria ser o que sempre se considerou, isto é, uma manifestação dos mortos.

Alexandra David-Neel, que levou décadas com os monges do Tibete estudando os seus métodos de desenvolvimentoespiritual, conta como conseguiu, pela concentração, criar um "fantasma" na forma de um monge... uma completa materialização. A constante presença dele começou a irritá-la e ela decidiu mandá-lo embora. Mas o monge era de incrível tenacidade, e ela levou seis meses para livrar-se dele. Esta experiência pode ser explicada simplesmente pela auto-sugestão. Mas se David-Neel diz a verdade quando fala que outros podiam ver seu monge antes de ela apresentá-lo, então talvez a explicação se torne algo mais complexa[5].

Outros fenômenos físicos incluem os *apports:* objetos estranhos, que de repente aparecem, vindos de lugar nenhum, na sala de sessões. Existem descrições da aparição de plantas exóticas ainda com porções de terra em suas raízes e de pessoas que estavam em outro lugar ao se iniciarem os trabalhos. Este fenômeno também tem sido descrito em experiências de RSPK. Ainda que autênticos, não precisam, necessariamente, ser provocados por espíritos. As batidas e movimentos da mesa são plausíveis — na medida em que paranormais — como fenômenos psicocinéticos causados por pessoas[6].

Infelizmente, os fenômenos físicos raramente se produzem nos dias de hoje. Pelo menos na Suécia, o conteúdo das sessões é mais de saudações aos vivos. Tais saudações, especialmente se detalhadas e pessoais, podem ser uma experiência positiva para uma pessoa que sofre, e assegurar-lhe que o morto ainda existe e é possível manter-se contato com ele (ou ela). Não há um modo objetivo de julgar tais experiências; seu valor para o indivíduo só pode ser julgado por cada um.

Mas aquilo que se experimenta como prova não constitui necessariamente prova para um observador de fora, ainda que os detalhes sejam muitos e não possam ser conhecidos pelo médium. Pessoas que não admitem a presença de PES apressam-se a explicar o conhecimento que o médium tem de telepatia, e com boa dose de razão (desde que os participantes da sessão permaneçam no anonimato). Uma explicação alternativa é a da associação a objetos:

> Um médium recebe um relógio que pertenceu a um homem que já morreu. Em seguida, fornece informações tão íntimas do morto que isto só pode ser confirmado perguntando-se a um outro parente que nunca possuiu o relógio nem sabia nada a respeito da sessão[7].

Poder-se-ia dizer que o médium experimentou as pessoas como objetos psicométricos e assim descreveu associações deles recebidas da mesma maneira que o médium, no outro relato, recebeu associações do relógio. Assim, os mortos estariam incluídos nos casos em que seus parentes tomam parte da sessão.

As condições da sala da sessão parecem conduzir a fenômenos telepáticos e paranormais: os participantes estão cheios de expectativa, e estabelecem uma atmosfera carregada de emoção em torno do médium. Mas nos círculos em que o médium conhece bem os participantes, normalmente nem é necessário buscar-se explicações paranormais. É de maravilhar a ansiedade e ingenuidade com que mesmo as mais vagas e difusas mensagens são muitas vezes tomadas como "prova" da presença do morto.

A parapsicologia costuma ser confundida com o espiritualismo. A diferença pode ser melhor e mais simplesmente estabelecida com o seguinte: os parapsicólogos buscam conhecimento e fazem perguntas, enquanto os espiritualistas depositam fé e dão respostas. É claro que muita coisa do interesse da parapsicologia pode ocorrer nas sessões, mas nenhuma prova da vida eterna advirá das saudações mais comuns dos mortos.

Práticas Automáticas

Há outras maneiras de procurar contato com o mundo espiritual, além das sessões. Já se mencionaram sinais como batidas em portas e paredes. O levantar de mesas esteve em moda durante muito tempo: os participantes sentavam-se à volta de uma mesa de três pernas, colocando suas mãos na superfície. Faziam-se perguntas, cujas respostas corresponderiam a "sim", "não" e "não sei", conforme a perna que se levantasse. Outro instrumento é o psicógrafo, do qual existem muitas variações. Em sua forma mais simples, consiste de um alfabeto em um grande cartão, sobre o qual se coloca um copo com a boca para baixo. Os participantes sentam-se em torno do cartão, e as respostas são dadas pelo deslocamento do copo de letra para letra. A "escrita" pode desenvolver-se a incrível velocidade; muitas vezes é impossível decifrar a mensagem até que se possa lê-la toda. E isto pode dar uma forte impressão de que uma inteligência exterior influencia os movimentos do copo, um ser que parece estar sempre bem informado.

> Caso 43 a. Nils, meu namorado, fora para Gottenborg por uns dias. Fizemos um grupo à volta do copo, e alguém perguntou o que Nils fizera em Gottenborg. O copo escreveu que ele saíra "com uma enfermeira". Ele enrubesceu, e depois que todos saíram admitiu ser verdade. Nenhum de nós poderia tê-lo sabido.

Neste caso, a explicação parece ser bastante simples: o próprio Nils dirigira, consciente ou inconscientemente, os movimentos do copo.

Se alguém quiser manter contato com o mundo espiritual, pode recorrer sozinho à escrita mecânica, ou psicografia: tudo que precisa fazer é sentar-se com lápis e papel e relaxar o corpo. Depois de algumas tentativas ridículas, a mão pode começar a mover-se "por si mesma". De início, produzirá apenas rabiscos ininteligíveis, mas, com o continuar, as palavras e idéias irão se formando, podendo o que escreve ficar inconsciente quanto ao que está escrevendo ou ter sua atenção desviada para outra coisa. Depois, quando o escrito é interpretado — o que leva tempo, pois as palavras são escritas geralmente juntas umas às outras, e sem espaços entre as linhas —, podem surgir mensagens de parentes mortos ou de espíritos conhecidos e desconhecidos.

Tais mensagens podem dar conselhos e conforto, fazer troça, alusões cômicas ou severas admoestações. Geralmente as expressões e o estilo são inteiramente diversos dos usados pela pessoa que escreve, podendo surgir também palavras de línguas inteiramente desconhecidas para ela. A pessoa que escreve pode também demonstrar qualidades artísticas ou literárias bem superiores às que realmente tem.

No caso seguinte, uma inspiração de força incomum, não atribuída completamente à escrita mecânica, foi dada como proveniente do mundo espiritual:

> Caso 42b. Desde que minha mulher morreu, algo começou a desenvolver-se dentro de mim com incrível força,
>
> paralelamente à minha dor. Senti uma inspiração que não era deste mundo. Em dez meses escrevi cerca de oitocentos poesias. .. Geralmente acontecia assim: após o trabalho, eu ia para a minha casa vazia, sentava-me à escrivaninha e chorava. Então o espírito tomava conta de mim. Escrevia, e escrevia com uma rapidez tal que não podia compreender. Eu não ficava em transe, mas não sabia o que escrevia até que passava a limpo; muitas vezes a velocidade era tão grande que mal podia distinguir as palavras. Nenhum dos poemas levava mais de dois ou três minutos. Com algumas exceções, a maioria das poesias de Conversas com o invisível foi composta desta maneira. Quase nunca alterei uma só linha.
>
> O que me surpreendia em particular, além da velocidade, era o fato de cada poema ser diferente dos outros. Em uma poesia, um tema; noutra, outro diferente. Assim, não poderia tratar-se de uma forma de automatismo. Mas admiti que esses poemas não foram escritos por mim[8].

No caso seguinte, a inspiração foi elevada ao completo automatismo:

> Uma senhora americana de educação muito elementar, Sra. Curran, ditou automaticamente uma série de novelas, peças e poemas que a crítica considerou de méritos elevados. Mas o mais notável é que eles foram escritos em inglês das mais diversas épocas, do inglês antigo ao moderno, e perfeitamente. Segundo filólogos, uma história em verso, com pelo menos sessenta mil palavras, sobre um tema medieval, não tinha uma só palavra usada no século XVII! O personagem que aparecia na escrita intitulava-se "Patience Worth" e$_t$ intelectualmente, era claramente superior à Sra. Curran[9].

Claro que a explicação espiritualista para estes fenômenos é a de que os espíritos se manifestam e se comunicam de várias maneiras: pelo levantar de mesas, movimento do copo ou escrita automática. Podemos denominar a isto hipótese espírita. Ela parece ser corroborada pelo fato de que outros fenômenos paranormais não são raros de vir associados a ela, muitas vezes de modo terrível:

> Caso 43b. Eu fazia companhia a Rolf, um estudante de pilotagem de Estocolmo. Ele dissera, seis meses antes, que talvez fosse a Angelholm e, nesse caso, iria visitar-me. Mas nunca fez esta viagem. Fazia muito que não sabia dele e não tinha a menor idéia se seus planos incluíam alguma viagem. Quando nos sentávamos com o copo, sempre perguntávamos: "Quem é?", mas desta vez não obtivemos qualquer resposta. Foi quando Lisa perguntou: "Quando Kerstin vai casar-se com Rolf?** O copo respondeu "não". Ela redarguiu: "Não? Por que responde não?" O copo, depois de algum tempo, disse "morto" e, sem que houvesse mais perguntas, explicou "caiu", "Estocolmo" e "Angelholm". Achamos aquilo horrível e paramos imediatamente.
>
> No dia seguinte, à tarde, eu estava sentada sozinha e cochilei na cadeira. Isto jamais acontecera antes. À noite, soube do acidente: Rolf voava de Estocolmo para Angelholm e caíra em uma floresta. O acidente ocorrera na hora em que eu cochilava.
>
> Passou-se então muito tempo até que voltássemos ao copo. Quando perguntei quem era, recebemos: "O Diabo". Então dissemos: "Não queremos falar com você, porque só traz azar!" O copo respondeu: "Morto na estrada". Achamos aquilo desagradável e paramos. Fiquei apavorada, no dia seguinte, quando um conhecido meu morreu em um acidente de automóvel. Sua mulher tinha vivido formalmente com meu irmão, mas isto poderia ter sido simplesmente uma coincidência.
>
> De outra vez, o copo disse que Nils, o rapaz que eu namorava na época, morreria também num acidente de automóvel, e descreveu o dia e como aconteceria. Ele veio ver-me naquele dia, e fiquei tão intimidada que o fiz passar a noite em minha casa, para evitar que fosse embora de bicicleta. No entanto, não lhe disse a razão.

As mensagens paranormais também parecem significativas e motivadas do ponto de vista de uma pessoa presumivelmente morta, como nos dois casos citados por Bender[10]:

> Um médium escreve mecanicamente com a caligrafia do morto, enviando uma reconfortante mensagem para aliviar os sentimentos da culpa daquele que está vivo. O médium não conhecera o morto, nem sabia dos sentimentos de culpa.

> Escrevendo com um copo, uma mulher recebeu uma clara mensagem de seu irmão, que morrera vários anos antes. Um dia ele pediu-lhe para que ajudasse o tio Florian e, logo em seguida, esclareceu tratar-se de um apelido, dando as corretas iniciais. Com elas, após grandes dificuldades, ela identificou o tio de que se falava e que, na verdade, estava com problemas.

Mas seria a hipótese espiritualista a única explicação concebível?

O Inconsciente

É bem sabido atualmente que, em momento nenhum, uma pessoa tem consciência do inteiro conteúdo de sua personalidade. Pelo contrário, sua mente normal, em todo e qualquer momento, contém apenas uma pequena parte de seu conteúdo psíquico total. Ela tem, por exemplo, uma vasta memória, além do conhecimento imediato, e à qual não se pode recorrer senão com grande esforço. Isto é geralmente chamado de *pré-consciente.* Mas, por diversos motivos, certas lembranças não podem ser recolhidas facilmente, nem podem ser trazidas à consciência sem a ajuda de técnicas especiais, como a psicanálise ou a hipnose. Tais lembranças representam o material físico denominado subconsciente. Isto inclui não apenas lembranças, como também impulsos, instintos, ansiedades, necessidades e tendências suprimidas pelo consciente.

A razão desta supressão pode estar no fato de as determinações e características pessoais combaterem as atitudes morais conscientes da pessoa e assim produzirem uma ansiedade que é aliviada quando se torna subconsciente.

Mas o fato de esses aspectos da personalidade terem sido "banidos" do consciente não significa que foram silenciados permanentemente ou que permaneçam passivos. Podem surgir em sonhos, de forma simbólica, ou através dos chamados sintomas neuróticos. Mas não discutiremos aqui com maiores detalhes as teorias do subconsciente: para os interessados no assunto, há uma literatura rica e variada de autores voltados para a psicanálise; Schjelderup[/] descreveu a relação do inconsciente com o fenômeno paranormal. Mas vale destacar que o material subconsciente pode também vir à tona de forma personificada, ou seja, como uma personalidade definida. C. G. Jung, em particular, descreveu aspectos do subconsciente que surgem como uma pessoa em sonho[11].

O livro e filme *As três faces de Eva* se tornaram famosos como exemplo da chamada múltipla personalidade. Eva agia alternadamente com parte de sua personalidade comum — muitas vezes transformando-se em personagem contraditória —, o que representava impulsos e tendências subconscientes. Pelo seu progresso com a psicoterapia, apareceu uma terceira personalidade, que poderia ser dada como síntese das outras duas, e, quando se lembrava de um momento crítico de sua infância, esta terceira personalidade "sobrevinha" e as duas outras desapareciam[12].

Mencionou-se isso para ilustrar o que pode acontecer se alguém se devota com diligência excessiva a práticas que dão acesso a material subconsciente, por exemplo, o levantar de mesas, escritas com o copo ou escrita automática. Os espíritos que se presume estarem envolvidos podem nada mais ser do que aspectos personificados de material físico subconsciente dos participantes.

Os transes hipnóticos também propiciam a vinda à tona de material subconsciente. A hipnose compreende o desvio da atenção para um outro mundo, mediante as instruções dadas pelo hipnotizador, e que produzem um relaxamento e possível mergulho num mundo "interior". Estas condições podem também ser obtidas por conta própria, e assim poderíamos considerar o transe de um médium como um estado de auto-hipnose.

A figura 2A sugere, *grosso modo,* a ligação. O círculo A representa a personalidade total, incluindo consciente e subconsciente. B é um complexo de instintos, desejos e características existentes em A mas subconscientes em relação ao seu eu, talvez devido a tendências que combatem a formação moral e religiosa de A, e que, em consequência, não podem ser reconhecidas ou aceitas como características dentro de si.

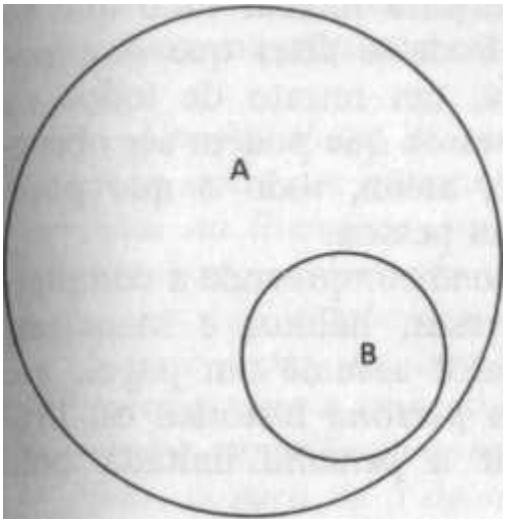

Figura 2 A

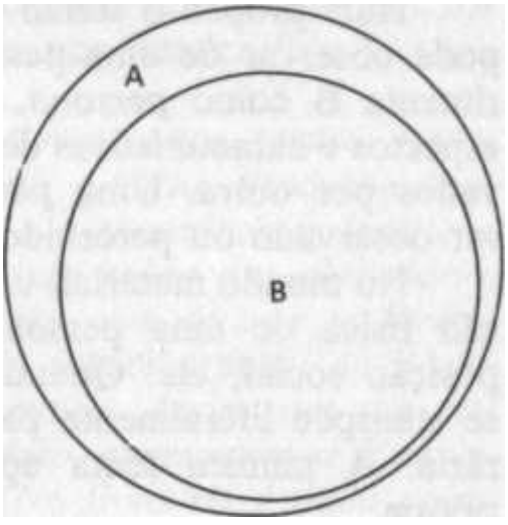

Figura 2 B

Podem também ser fantasias e sonhos esquecidos. Sob hipnose, pode surgir uma "dupla" ou "múltipla personalidade". Isto compreende agora A comportando-se de maneira conforme com as características de B, ou seja, com uma personalidade totalmente diferente. B tem acesso à memória de A, mas o inverso não acontece: ao acordar, dificilmente A se lembrará do comportamento de B durante a hipnose. Mas, na hipnose seguinte, B poderá voltar e lembrar-se de tudo que aconteceu na hipnose antecedente.

Pessoa e *Persona*

Uma pessoa envolvida com escrita mecânica ou atividade semelhante se coloca em estado de concentração, expectativa do que irá acontecer e atenção reduzida com relação aos outros aspectos do mundo exterior. Este é também um estado que conduz à vazão do subconsciente, e pode ser comparado a um transe quase hipnótico. As características de B facilmente tornam-se uma impressão e, como na hipnose, podem se personificar. Isto implicaria que A recebe algo escrito por uma pessoa que é *não-eu,* do espírito B, mas, na verdade, pode vir de características da própria personalidade de B.

Hart propôs o termo *persona* para indicar tudo que se pode observar de uma pessoa[13]. Pode-se dizer que A experimenta B como *persona,* ou seja, um retrato de todos os aspectos e características de uma pessoa que podem ser observados por outra. Uma *persona* é, assim, tudo o que pode ser observado ou percebido de uma pessoa.

No mundo material, uma *persona* compreende a compleição física de uma pessoa, seu vestir, hábitos e maneiras, posição social, etc. Quando um ator assume um papel, ele se transpõe literalmente para uma *persona* histórica ou literária. A mímica tenta apresentar a *persona* imitada pela pessoa.

Uma aparição pode ser descrita como uma *persona* que se tornou direta e distintamente visível. (O termo *persona* é usado de modo bem diverso, com outro significado, na psicologia de C. G. Jung.)

Os Riscos das Práticas Automáticas

Ser psíquico, ou ter experiências paranormais, não constitui indicação de doença mental, ainda que isto se refira a contatos com os mortos. O fator determinante disso são as relações do indivíduo com essas experiências, o modo pelo qual elas afetam sua capacidade de convívio e de realizar suas tarefas diárias.

Forçar capacidades que não são naturais ou comuns significa correr grandes riscos, e é perigoso envolver-se habitualmente em atividades que permitem abrir as portas do subconsciente, especialmente quando se faz isto sozinho sem se estar preparado para o que possa ocorrer.

Na medida em que a parte complexa de uma pessoa, ou *persona* B, na figura 2A, se fortalece pelo exercício repetido, cresce o risco de assumir parte cada vez maior do consciente de A e finalmente introduzir-se na sua parte atuante. Poderia eventualmente dominá-la por completo, como na situação representada de modo esquemático na figura 2B. Esta é uma condição de divisão da personalidade, ou *dissociação.* A pessoa A tornou-se "possuída" pelo "espírito B", que nada mais é do que um aspecto da sua própria personalidade. Este estado de conflito não é, portanto, para ser encarado levianamente. Os sintomas da alteração lembram a esquizofrenia, e a condição pode requerer tratamento psiquiátrico, como no seguinte caso citado por Bender[10]:

> Uma senhora de sessenta e nove anos perdeu o marido após um casamento tardio e curto. Procurou consolo na literatura espiritualista e encontrou a descrição de como, colocando um pêndulo sobre um abecedário, é possível estabelecer-se contato com os que se foram. Pouco antes, ela lera A yogi's autobiography, de Yoga-nanda, que a impressionara muito. Assim, em sua primeira experiência com o pêndulo, apresentou-se Yuktes-war, o guru de Yogananda. (No livro ele é dado como um grande líder espiritual, e o autor o menciona como responsável por grandes milagres, como o de manter contatos depois de morto.) A mulher ficou tão sensibilizada com o contato que se derramou em lágrimas e passou a balançar o pêndulo sobre o alfabeto noite após noite, durante muitos meses. Isto logo se tornou para ela uma obsessão, à qual tentou resistir em vão. Chegou mesmo a perceber, telepaticamente, "espíritos" dentro de si. Recebia conselhos e instruções para tarefas que levava a cabo compulsoriamente. Depois, passou a ouvir o espírito como vozes, muitas vozes, até que se transformaram num verdadeiro coro. Isto a fazia sofrer cada vez mais, até que buscou socorro. Dada a sua vontade de continuar sã, bastou dar-lhe informação e literatura que a fizesse compreender que tudo aquilo vinha de dentro dela mesma.

Não se deve deduzir que isto significa que o movimento espiritualista seja perigoso do ponto de vista da higiene mental. "Seja o que for, espíritas e espiritualistas são gente orientada espiritualmente. Como tal, não podem ser um movimento negativo na nossa cultura atual, e isto é mais do que se pode dizer da maioria", escreveu John Bjorkhem [15].

O caso 42a é um testemunho não raro de como uma experiência pessoal da sobrevivência após a morte tem tido o fundo significado para que os que sofrem recuperem o desejo de viver. O que pode ser perigoso é a preocupação excessiva e habitual com práticas que facilitam a dissociação, junto com uma fé cega em praticamente tudo, como sinal de milagre do mundo espiritual.

O guia, ou controle, de um médium pode, é claro, ser também uma *persona* produzida pelo seu subconsciente. Mas tal possibilidade não exclui o fato de que esta *persona* possa ter origem paranormal.

Uma pessoa P, na figura 3, vem a uma sessão na esperança de entrar em contato com sua mulher C, morta. Naturalmente está pensando nela e *construindo* uma impressão dela, pessoa C_1. Isto é percebido por telepatia ou associação de objetos pelo médium A, que inconscientemente a personifica e descreve a pessoa C_2, ou seja, as características exteriores de C, recolhidas de seu marido.

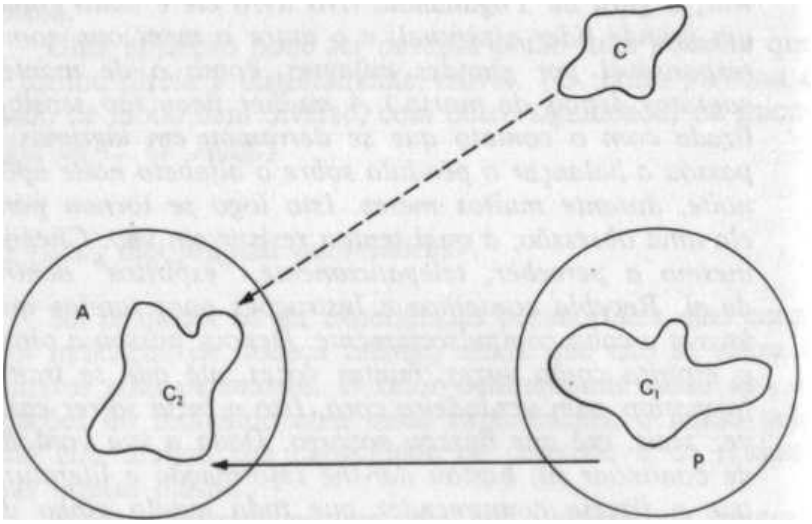

Figura 3

O modo pelo qual isto ocorre é ilustrado pelas ardilosas e eficientes investigações que jornalistas fizeram com médiuns ingleses. Usando casos imaginários e parentes inteiramente inexistentes, eles frequentaram sessões nas quais médiuns após médiuns descreveram os "espíritos" desejados, fornecendo detalhes das histórias inventadas. A pesquisa teve grande repercussão, e uma das médiuns não pôde compreender "por que o seu guia não a avisou[16]".

Em mais de um caso, o médium descreveu uma pessoa que tanto ele como o participante davam por morta, até que, depois da sessão, revelou-se que ela continuava bem viva [17,18]. Isto não quer dizer que o médium seja um impostor.

Pode estar trabalhando na mais completa boa fé, mas não conseguir discriminar, entre os quadros e impressões recebidos, qual aquele que, subconscientemente, construía uma pessoa.

Finalmente, como ilustra a figura 3, é também possível que a mulher C tenha fornecido o material à *persona* do médium C_2, se ela realmente sobreviveu à morte. Mas sabemos agora que A tem talento para criar uma *persona* C_2, dramatizando-a e personificando-a do material subconsciente, ou material dos participantes de uma sessão, recebido normal ou paranormalmente. Ê difícil determinar se a *persona* C_2 vem de C ou de outro desempenho em C. E telepatia entre vivos é ainda mais provável que entre vivos e mortos.

Muitas experiências do espiritualismo são verdadeiramente enquadradas na hipótese espiritualista. Mas para a hipótese enquadrar os fatos não basta ser provada ou confirmada. Precisa explicar os fatos *melhor* do que outra hipótese. Para encontrar confirmação para a hipótese espiritualista devemos insistir que a informação dada como proveniente dos mortos seja tal que nem o médium nem os que tomam parte da sessão possam ter conhecimento dela pela telepatia, clarividência ou associação de objetos. A premonição tem também de ser eliminada. Além disso, o morto deveria ter uma forte motivação para se comunicar, e, em qualquer caso, mais forte do que o desejo do participante de receber a informação.

> Caso 44. Meu tio foi atropelado por um caminhão em 1928. O veículo subiu a calçada e esmagou-o contra a parede. Ficou inconsciente por três dias e três noites e morreu de uma concussão na parte posterior da cabeça.
>
> Durante uma sessão na Inglaterra, em 1934, meu pai foi colocado em contato com alguém que dizia ser seu falecido irmão. Contou sua morte, e afirmou que ela não se devera ao ferimento na cabeça, mas a "algo nos ossos". Isto foi considerado estranho pelos parentes, pois todos acreditavam que o ferimento o matara.
>
> Em 1956, descobri que poderia comprovar os fatos nos arquivos do hospital. Indicavam que recebera uma concussão na parte posterior do crânio na hora do acidente e que fora operado. Como seu estado inconsciente não se alterou, morreu três dias depois. No exame post mortem, a causa apontada não foi fratura do crânio, mas embolia cerebral, causada por uma trombose na perna. Assim, a comprovação desta informação de 1934 só veio vinte e dois anos depois.

Aqui a informação era completamente desconhecida do médium e do irmão. Para explicar tais casos, seria preciso inventar uma hipótese de "ligações telepáticas[19]". Talvez o irmão tenha tido contato com alguém no hospital que tivesse estado com o patologista que fez o exame *post mortem,* e através desta cadeia o médium recebeu a informação telepática ou psicometricamente.

Tal hipótese, entretanto, não encontra muita base nos resultados experimentais, parecendo ter sido concebida para que se evitasse a hipótese espiritualista.

No caso 44, também é impossível fugir à contingência de que o irmão, a despeito de tudo, possa ter sabido qualquer coisa a respeito da causa' da morte, quando em contato com o hospital, e, mais tarde, esquecido completamente isso. Deu-se com ele aquilo que se chama de *criptomnésia.*

Os médiuns sinceros também reconhecem as dificuldades de distinguir entre o que vem "do lado de lá" e aquilo que constitui suas próprias contribuições[20]:

> A mensagem que vem através do médium nunca está misturada? Os ensinamentos são sempre genuínos? A quanto monta a contribuição do médium? "Na verdade, relativamente poucas mensagens são inteiramente genuínas . .. é uma questão de colaboração. Ê como se eles trouxessem o conteúdo, e, até certo ponto, eu ajudasse na formulação."

Outro médium, no livro *Private Dowding,* comenta[21]:

> Tenho de tratar toda experiência como real, do contrário não teria valido a pena começar. Para mim, as comunicações com Thomas Dowding eram tão reais que ele parecia estar sentado comigo no quarto, colocando-me a mão no ombro e aprontando a minha pena. Sei que deve ter havido muitos livros compreendendo mensagens mandadas de um outro plano de existência. Não se pode duvidar da possibilidade da "comunhão espiritual", como é normalmente chamada. Parece-me impossível ter-se uma prova definitiva acerca desses assuntos. Ê preciso ser levado pela verdade interior das próprias mensagens. Digo-lhes, por exemplo, que estou satisfeito. Tenho falado com um soldado morto em combate há sete meses. Comecei a escrever exatamente da maneira pela qual me veio a experiência. Não posso, entretanto, provar a veracidade da experiência a ninguém. Nem sequer a mim mesmo.

"É preciso ser levado pelo valor interior das próprias mensagens." Mas isto é puramente subjetivo: quanto mais intensa e poderosa possa ser a experiência da verdade interior, menos ele poderá provar isto. E ninguém, da mesma forma, poderá provar o contrário. Isto deve resultar em uma abertura ainda maior para mais experiências e muitas percepções diferentes. Deve também conduzir a um esforço para o fortalecimento de pontos de referência e a ampliação dos horizontes, a fim de se aumentar a capacidade de experimentar ainda mais.

Outros médiuns sustentam ainda que podem distinguir, por exemplo, entre impressões do mundo espiritual e as recebidas psicometricamente. Um deles afirma:

> Quando se entra em contato com alguém que desencarnou, ele fala diretamente. As palavras são precisas, a mensagem é transmitida rápida e irresistivelmente. Ê possível manter-se até uma conversa com ele. Não é o caso, entretanto, da psicometria: ouve-se uma história, vê-se um acontecimento, mas não se pode falar com eles.

Troca de Correspondência

Chamaremos aqui de "automatistas" apenas os médiuns que praticam algum tipo de atividade mecânica, como a escrita. A palavra *comunicador* define a pessoa (ou, mais precisamente, *persona)* que *comunica,* ou melhor, que aparece em mensagens mediúnicas, seja nas sessões, na escrita automática ou em outras atividades.

De um modo geral, o comunicador se identifica com o nome do morto e diz estar no mundo espiritual. É claro que isto não prova que as mensagens realmente venham de uma Pessoa já morta, já que o comunicador pode ser uma personificação subconsciente do médium. A questão da verdadeira identidade do comunicador é que deve ser investigada. A opinião de que o comunicador *não pode* ser idêntico a algum aspecto da personalidade do morto é, por outro lado, apenas expressão de noções preconcebidas e má vontade para estudar os fatos.

Myers e Sidgwick, veteranos da SPR inglesa, morreram por volta de 1900. A escrita mecânica era um meio comum de expressão entre os médiuns ingleses, e uma Sra. Verrall, que tinha sido tomada de entusiasmo pela "pesquisa psíquica", tornou-se uma automatista em 1901, logo após a morte de Myers, com a intenção de dar-lhe uma oportunidade de comunicar-se, se ele pudesse.

Três meses depois, apareceu um comunicador dizendo-se Myers. Entretanto, aconteceu algo completamente inesperado: outros automatistas começaram a referir-se, na Inglaterra, índia e Estados Unidos, a temas surgidos na escrita mecânica da Sra. Verrall. Fragmentos de poesia clássica grega e latina surgiram de maneira incompreensível para os automatistas, entre os quais apenas a Sra. Verrall tivera uma educação clássica. Somente depois de reunido o material de vários automatistas é que se pôde estudá-lo. Parecia que alguém queria provar sua identidade através de um "quebra-cabeça clássico", algo que se poderia esperar de Myers e seus colegas. Surgiram também alusões a acontecimentos de sua vida. A troca de comunicações continuou por uma década e tornou-se cada vez mais complicada.

Uma das automatistas envolvidas foi uma senhora da sociedade britânica, que se ocultou sob o pseudônimo de Sra. Willett. Sua comunicação foi um tanto diferente das primeiras correspondências trocadas, nas quais o comunicador se expressara através de vários automatistas. Através da Sra. Willett, surgiram dois comunicadores no que se poderia considerar uma colaboração íntima. Um deles era o marido da Sra. Verrall, morto em 1912, e o outro um de seus melhores amigos. A escrita indicava que ambos tinham interesses comuns e relações íntimas, com alusões corretas a muitos dos acontecimentos de suas vidas. Outro fato notável com relação à Sra. Willett é o de que ela não perdia o controle de si mesma durante as sessões, parecendo até que podia trocar idéias com os comunicadores, os quais apresentavam teorias complicadas sobre a natureza e as dificuldades da comunicação, algo completamente estranho para a personalidade consciente da Sra. Willett.

Não é possível para um leigo, sem educação clássica, sem acesso aos milhares de documentos originais, ter uma idéia clara desse material. A história completa da troca de correspondência ainda está por ser escrita. Grande parte do material é de natureza tão pessoal que até agora não pôde ser publicada. Mas os críticos, muitos dos quais conheceram Myers, Verrall e seus colegas pessoalmente, estudaram esta correspondência demoradamente, tendo ficado convencidos de que realmente representa a expressão de uma atividade inteligente e coordenada, e compreende material que não pode ser simplesmente explicado como telepatia entre subconscientes de automatistas [22].

A Sra. Willett morreu em 1956. Meses depois de sua morte, outra automatista, a Srta. Cummins, começou a escrever mensagens nas quais o comunicador era... a Sra. Willett. Esta atividade continuou por muitos anos, tendo-se publicado um artigo a respeito em 1965. Aludia a situações pessoais da vida da Sra. Willett, desconhecidas para a médium, que não soube por longo tempo de sua identidade real[23]. É notável a quantidade de recordações da Sra. Willett que aparece na escrita mecânica.

Porém, como ressalta Stevenson[24], não é menos notável a pequena quantidade de lembranças existentes nesse material que *não* poderiam ser da Sra. Willett. É difícil evitar-se imaginar que alguém poderia ter selecionado o material. Mas a única pessoa que poderia fazê-lo seria a própria Sra. Willett, o que indicaria que ela sobreviveu à morte.

A correspondência parece desenrolar-se como numa história seriada, que, com diferentes variações, dura sessenta anos. Vários pesquisadores acham que ela fornece grandes indicações sobre a vida depois da morte. Nas experiências mais recentes, tem aparecido também correspondência, mas com comunicadores completamente diferentes[19].

Comunicadores Esporádicos

Um dos fenômenos que surgem nas sessões pode servir de base à hipótese espiritualista. Poderíamos denominá-lo "espíritos desconhecidos" ou "comunicadores esporádicos[7]".

Durante uma sessão com poucas pessoas, um espírito inteiramente desconhecido pode chegar inesperadamente, declinar o seu nome e contar detalhes de sua vida. Mais tarde, a pesquisa revela que as informações fornecidas encaixam-se com acontecimentos da vida de alguém que já morreu. Tais casos são fáceis de manipular, devendo-se também avaliar a possibilidade da ocorrência de criptomnésia. Mas, se após uma cuidadosa investigação, o caso persistir como genuíno, então servirá de apoio à hipótese espiritualista, fortalecendo-se ainda mais se a informação dada não for escrita em qualquer lugar, mas investigada em várias fontes improváveis de serem de conhecimento do médium. No melhor caso, a informação só é do conhecimento de um restrito grupo familiar, que desconhece a realização daquela sessão.

Além do mais, o comunicador pode muitas vezes demonstrar uma forte motivação, da parte do morto, de entregar a mensagem, algo que deve ser explicado com a informação. Neste caso, para evitar a hipótese espiritualista, será preciso aderir à teoria da "super PES". A PES do médium pode buscar intensamente na escuridão até que ele faça contato com aquela informação em particular. Mas são poucas as experiências que podem demonstrar isto [25], nem esta hipótese explica por que o médium precisa estabelecer contato com a informação sobre uma pessoa que, em muitos casos, deve ter fortes razões para querer comunicar-se, se tiver sobrevivido à morte [26].

No caso seguinte, surge um comunicador esporádico:

> Caso 45a. Sra. L: Toda primeira e terceira quinta-feira do mês organizamos sessões nas casas de Erik e Barbro. É um círculo de auxílio, no qual aparecem espíritos que não sabem que estão mortos. Erik entrou em transe; Barbro também é sensitivo, e ajuda os espíritos através dele. No dia lº de fevereiro de 1968, durante a fala de Erik, senti uma coisa estranha, enquanto permanecia ali sentada na penumbra. Foi como se algo inusitado tivesse chegado de algum lugar, como um campo de força. Ouvi uma coisa mais ou menos assim: "Estou deitado no sul. Estou morto. Não quero ficar aqui. Serei descoberto. Em Hàgersten. Estou sob travesseiros". A sensação tornou-se subitamente macabra. Pensei: "Não posso ajudá-lo. Procure Erik, Barbro ajuda os mortos através dele". A sensação do campo magnético desapareceu, mas logo em seguida Erik levou a mão ao pescoço e começou a gritar: "Está me estrangulando, o diabo. Vou apanhá-lo, eu me vingarei, está ouvindo? Então ele pegou o carro, miserável, pegou meu carro! Estrangulou-me e vou vingar-me!"
>
> Fiquei apavorada, pois Erik sofria do coração e tinha pressão alta. Barbro, que ouvira quase tudo, ficou calmo e aconselhou-o a não se deixar tomar pelo desejo de vingança: "Reze a Deus. Ele o ajudará, pois agora você está morto e. .." "Reze a Deus. . . Sei disso há muito tempo, mas ele não pode me ajudar. Quero vingança!"
>
> Erik ficou ofegante e tomou calmantes. Não se lembrava de nada, no final, e nunca soube do que aconteceu durante aquela sessão.

> Ao voltar para casa, perguntei a meu marido Lennart se ele ouvira o noticiário. Escutara, sim, mas não se divulgara nenhum assassinato ou crime como aquele. Discutimos o que ocorrera na sessão, "mas tudo devia ser fruto da imaginação".
>
> No dia seguinte, uma sexta-feita, procurei aquilo em todos os jornais. Nada. No sábado, fui para o campo, e só à noite consegui ler um. Lá estava, no jornal Dagens Nyheter de 3 de fevereiro de 1968: "Um vendedor de flores de vinte anos do Exército da Salvação, N. N., Rua Y, em Hàgersten, foi encontrado morto em seu apartamento. N. estava na cama, vestido, e foi estrangulado com um fio elétrico. O rosto e o corpo estavam cobertos por uma colcha e travesseiros. .. O assassino roubou seu Volvo cinzento, que agora é procurado por todo o país. Supõe-se que o crime tenha ocorrido na noite de segunda-feira".
>
> "Ê ele", gritei, "ele foi à sessão!" Mas isto era impossível, já que, quando realizamos a sessão, na quinta-feira, ninguém sabia do crime, exceto o assassino, que já devia estar longe.

A história acima permite várias questões:

1) Será que a sessão se realizou mesmo antes de alguém ter conhecimento do crime? A Sra. L. tem certeza de ter sido na primeira quinta-feira do mês, por várias razões: ela "devorava" jornais e teria imediatamente reconhecido o crime, se tivesse sido contado antes da sessão.

2) Seria acurado o seu relato sobre o que ocorreu na sessão? Não foram feitas anotações nem gravações. Erik estava em transe e não se recorda. O mesmo sucede com Barbro. Quando a sessão se realizou, ninguém sabia de nada sobre o crime. Da próxima vez que se encontraram, duas semanas se tinham passado, e ninguém pensou em documentar o assunto.

3) Será que ela realmente contou o que acontecera ao marido *antes* que alguém soubesse do crime? O marido agora só vagamente se recorda de que ela chegou de uma sessão e perguntou se tinha havido algum assassinato ou coisa parecida, vasculhando todos os jornais dos últimos dias. É também relevante o fato de ela vir colecionando recortes do *Dagens Nyheter* por muito tempo. Um ano depois desejou enviar a coleção, juntamente com outros materiais, a alguém interessado em parapsicologia. Mas, como não apareceu ninguém interessado, ela irritou-se e jogou tudo fora. Assim, quando me relatou este fato, em março de 1970, não havia mais recortes. Mas pesquisamos os arquivos do jornal e encontramos o caso. Então, o marido imediatamente lembrou-se de tudo.

Infelizmente, este relato não preenche os critérios que devem ser impostos para comprovar a experiência satisfatoriamente. Seria de inestimável valia se médiuns como a Sra. L. pudessem anotar ou gravar as suas experiências enquanto são recentes, e fizessem com que fossem testemunhadas imediatamente por alguém, principalmente quanto a data e hora. Mas isto é exigir demasiado de uma mulher que tem um trabalho cansativo e uma casa para cuidar. Uma experiência posterior pode ilustrar as dificuldades:

> Caso 45b. Manhã de quarta-feira, 16 de setembro de 1970. Estava na estação do metro, sem pensar em nada, quando, de repente, vi um carro em chamas. Lembrei-me de Lennart falando qualquer coisa sobre como as pessoas trancam as portas de

seus carros pelo lado de dentro, e, quando sofrem um acidente qualquer, não têm como sair. Vi várias pessoas acorrerem ao carro que se incendiava, e acho que gritei: "Quebrem o pára-brisa, tirem-no por lá". A primeira pessoa que chegou perto do carro tentou abrir uma das portas, depois a janela lateral, até que quebrou a janela da frente, e foi tirando os cacos . .. Senti que o combustível ia explodir.

Estava completamente fora de mim, até que acordei . .. Cheguei à Cidade Velha e ao meu emprego .. . e todo o quadro desapareceu. Tinha sido apenas um pensamento. Ao voltar, perguntaria a Lennart se era possível quebrar-se um pára-brisa com uma pedra, ou ter um martelo no porta-luvas para quando ocorrerem coisas assim...

Mas começou o trabalho; esqueci-me de tudo. No caminho de volta, cansada e aborrecida, comprei o Expressen, mas nem o folheei. Preparei o jantar, para o qual Lennart convidara um amigo. Conversamos sobre coisas triviais até que comecei a perguntar sobre carros incendiados, mas fui interrompida por Lennart, que contou sobre um carro que pegou fogo ("Você não viu no jornal?"). Eu não tinha visto.

Expressen, 16 de setembro de 1970: "Três carros provocaram um grande acidente em Estocolmo às oito horas de hoje. Dois homens ficaram muito feridos dentro dos carros que se incendiaram. Ninguém, naquela hora de grande movimento, ousou aproximar-se do fogo, até que Harry Karlsson e Karl Wennerstròm chegaram. Karlsson diz que ouviu uma batida terrível. 'Vi dois homens tentando sair dos carros em chamas. Então Wennerstròm e eu quebramos o pára-brisa, e tiramo-los de lá."

Ambos os casos ilustram a dificuldade de julgar experiências psíquicas. Se admitirmos que a Sra. L. contou essencialmente o que sentiu, surgem quatro possibilidades:

1) Recordou-se da hora erradamente. Primeiro viu a notícia no jornal, ou soube dela de algum modo, e, imaginando o resto, transpôs tudo para a memória, com a hora errada.

Esta interpretação não pode ser abandonada, já que ela não anotou a experiência, nem pediu que outra pessoa se certificasse das anotações. As condições do primeiro caso ainda ficam contra esta alternativa. No outro, indicar-se-ia que ela mentira ao dizer ter vivido a experiência antes de iniciar o dia de trabalho, ou seja, muitas horas antes que os jornais da tarde tivessem saído, e cerca da mesma hora na qual o acidente ocorreu. Mas poderia ter sido noticiado pelo rádio.

2) As semelhanças entre sua experiência e os acontecimentos reais dependem da coincidência. Com que frequência ela imaginava coisas que não se tornavam realidade? Estahipótese também não pode ser demonstrada. Pelo menos no primeiro caso, considerados os detalhes, parece ser ainda menos provável.

3) As experiências foram de premonição. Ela sentiu com antecedência tudo o que seria publicado pelo jornal: em um caso, vários dias antes; noutro, horas. Esta possibilidade não pode ser eliminada. Mesmo assim, pode-se perguntar se ela teve muitas experiências premonitórias. Ela relatou centenas dessas experiências paranormais (mas somente uma pequena parte pôde ser verificada), na maioria telepáticas.

4) As experiências foram de telepatia. No segundo caso, o agente estava vivo; no primeiro, morto (desde que o assassino não tenha sido agente). Esta hipótese se adapta a todos os aspectos dos dois casos, mas, como supõe que o morto não poderia ter-se comunicado após a morte, é rejeitada pela maioria.

Os casos ilustram a situação mediúnica. A Sra. L. comenta:

> Ser médium é como ser duas pessoas que não trabalham juntas. O que uma experimenta, a outra repele como "tolice". Eu ando por dois mundos separados. Não falo em gravadores; é tão difícil quanto anotar.
>
> Tenho duas mentes. É impossível abandonar os impulsos de uma delas, e, ao mesmo tempo, com a outra, preocupa-me que alguém testemunhe o que ocorre. E quando se consegue isto, a ciência diz que é correio demais para ser verdade.

Uma pessoa psíquica experimenta como todos nós o mundo cotidiano, aquele organizado segundo leis físicas comumente conhecidas: o mundo que percebemos através de nossos órgãos sensoriais. Também como nós, o sensitivo experimenta um mundo psíquico de sonhos, imagens e impressões: disposições, pensamentos e sentimentos. Mas aquele mundo psíquico tem para ele uma qualidade especial que nos falta. Muitas vezes o médium pode ligar-se com ele, por exemplo, através de um transe ou algum outro estado especial. Na maioria das vezes, este contato se dá espontânea e inesperadamente. O médium não sabe por que ele ocorre exatamente naquele momento; experimenta algo, mas não sabe o que significa. Vê ante si um carro em chamas, mas não sabe se é fantasia, criada por ele mesmo, ou se a visão se relaciona com o mundo material. Ouve uma pessoa assassinada que quer ser encontrada e vingada, mas não sabe se isto é produto da imaginação ou comunicação de alguém.

No mundo psíquico, o tempo não se divide em passado, presente e futuro: tudo ocorre no presente. O médium não sabe, no momento da sua experiência, se o carro já se incendiou no mundo material, ou se está se incendiando naquele momento, em Estocolmo ou em Nova York. No mundo psíquico, o tempo e o espaço não constituem obstáculo: suas leis são diferentes das do mundo material.

Com a experiência, um médium pode gradualmente aprender a distinguir, com certo grau de certeza, entre as impressões e as imagens que vêm dos seres daquelas que vêm do mundo psíquico. Mas não pode provar nada a ninguém que não tenha tido impressões semelhantes. Sua única oportunidade de ter crédito é mostrar que, através de suas experiências no mundo psíquico, pode receber informações acerca do mundo físico, acerca de situações que normalmente não poderia conhecer. Ele mantém contato no mundo psíquico com pessoas que deixaram definitivamente o mundo material — mortas, portanto —, mas como poderá provar isto a quem não teve a mesma experiência? Voltaremos à pergunta no capítulo 17.

Resumindo a apreciação do espiritualismo: as mensagens mais comuns dos mortos não oferecem prova da vida além da morte. Os fenômenos das sessões podem geralmente ser explicados como personificação de material subconsciente. Os médiuns fornecem indicações de PES, mas eles mesmos oferecem resultados

pobres em experiências formais de PES. (Assim, foram desenvolvidos também métodos para estudar estatisticamente as informações espontâneas das sessões 27, 28.)

Grande quantidade de material das sessões espiritualistas é acorde com a hipótese espiritualista, mas os fatos que, de outro lado, serviriam de base a ela são relativamente escassos, notadamente os casos de comunicadores esporádicos que possam ser investigados. É lamentável que os próprios espiritualistas não dêem maior atenção a esses casos e não os relatem a especialistas, em vez de, como geralmente ocorre, aceitarem vagas afirmações como prova de vida além da morte. Material valioso poderia ser preservado com a simples prática da gravação das sessões.

Nos chamados centros de assistência espiritualista, acredita-se que se estabelecem contatos com espíritos que ainda não se convenceram de estar mortos, inclusive aqueles que "desencarnaram" em acidentes ou foram assassinados, como no caso 45a. O médium considera ser sua missão ajudar esses espíritos convencendo-os de que devem se adaptar à nova condição. Seria de grande ajuda ao parapsicólogo se, por um momento, o médium fizesse as vezes de detetive e perguntasse ao comunicador por fatos de sua vida e morte, detalhes que talvez pudessem auxiliar a identificá-lo. É difícil o comunicador dizer seu nome completo, mas, na maioria das vezes, ele pode declinar seu primeiro nome e, talvez, o de um parente próximo. Se o médium fizer um pequeno questionário, talvez ele possa contar algumas das circunstâncias de sua morte.

Observando-se estes casos, que possivelmente poderiam ser verificados mais tarde, os espiritualistas ajudariam a fortalecer ainda mais a hipótese espiritualista.

Nos quatro capítulos seguintes abordaremos outros tipos de experiências espontâneas que aparecem no movimento espiritualista e fora dele.

Referências

1. Schjelderup 2:9, págs. 134-36.

2. Referência em Holmberg, 2:10, pág. 62.

3. Órgão da Federação Nacional Sueca de Espiritualistas, *Utan Gràns,* edição extra, 1970. Para uma visão panorâmica do espiritualismo, ver Carleson, Rolf. "Spiritualism", *Sõkaren,* jan. 1968.

4. Ducasse, C. J. *The belief in a life after death,* Springfield, III.: Thomas, 1961. Sobre materialização, ver pág. 166. Bjerre, 2:4, pág. 139. Sobre fotografias dúbias de materializações, ver *Sõkaren,* jul. 1970. Citado de *Sydsvensk Dagbladet.* Nov. 22, 1970.

5. David-Neel 6:18. Ver também R: *JSPR* 44 (1967): 199-201, e D: 44 (1968): 369. Referência a Payne, P. D. e Bendit, L. J. *The psychic sense,* Londres: Faber & Faber, 1958 (primeira edição, 1943). (Também: The Theosophical Publishing House, Wheaton, 111., 1967.) Faber, págs. 113-114: Payne e Bendit narram como um clarividente pôde ver a aparição de certo autor enquanto um conferencista discutia a sua vida e a sua poesia. A aparição se dissolveu ao final da conferência.

6. Sobre *apports* durante fenômenos de RSPK, ver Bender 6:5. Sobre *apports* de pessoas e outras ocorrências improváveis, ver Svanq-vist em 1:12. Poul Bjerre discute, em *The case of Karin* (primeira edição, 1905, reeditado), a natureza das batidas em PK. Conseguiu reproduzi-las dando sugestões a Karin sob hipnose. Jung 5:8, pág. 152, narra como, para espanto de Freud, ele pôde provocar pancadas aparentemente sob controle. Sobre Jung, ver também Slomann, A. "Freud, Jung und ockultismen". *Sõkaren* 4-5, 1968. Ver também Johnson, M. "Parapsykologiska inslag hos C. J. Jung". *Sõkaren,* junho 1969.

7. *Stevenson, I. "A communicator unknown to médium and sit-ters." *JASPR* 64 (1970): 63-65.

8. Nyberg, Helmer V. a) *Samtal med osynlig.* Norstedts, 1967; b) (com S. Hagliden) *Bortom — och hàr.* Láromedelsfõrlagen, 1968. *Sõkaren,* jul. 1970.

9. Schjelderup 2:9, págs. 113 e segs., Heywood 2:8, págs. 102-106 e Qvarnstrõm 2:6, págs. 208-13.

10. * Bender, H. *Parapsychologie.* Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1966. Ver "Mediumistische Psychosen — Ein Beitrag zur Pathologie spirítistischer Praktiken", págs. 574-604.

11. Mahoney 5:15, capítulo 5.

12. Thigpen. C. H. e Cleckley, H. M. *The thee faces of Eye* Nova York: McGraw-Hill, 1957.

13. Hart 9:5 and 9:6.

14. Yogananda, Paramahansa. *Autobiography of a yogi.* Los Angeles: Self-Realisation Fellowship, 1946.

15. Bjõrkhem 2:5, pág. 108.

16. "Spiritualists cry fraud in mediums investigation." *Newsletter* 16:5 (1969): 24. "Tidning provar medier." *Sõkaren,* set. 1969. "Kan man tro pá medier?" *Sõkaren* 2-3, 1970.

17. Para conhecer caso semelhante, ver Ellwood, G. F. "The Soal-Cooper-Davis communal *I.'" *1JP* 10 (1968): 393-410.

18. *Broad, C. D. "Tre fõredrag: 1) Parapsykologi och filosofi. 2) Femtio ar av parapsykologisk forskning. 3) Nagra paradoxala me-diumistiska fali." *SPF* n.° 8, 1962. *Sõkaren,* abr./maio 1967.

19. Osis, K. "Linkage experiments with mediums." *JASPR* 60 (1966): 91-124.

20. Beer, Puck. *Anteckningar fràn en mõtesplats.* Rundqvists, 1968.

21. Pole, W. Tudor. *Private Dowding,* Londres: Spearman, 1966.

22. Heywood 2:8, págs 65-102. Qvarnstrõm 2:6, págs. 186-90.

23. Cummins Geraldine. *Swan on a black sea. A study in auto-matic writing: the Cummins-Willet scripts.* Londres: Routledge & Kegan Paul, 1965. R: *1JP* 8 (1966): 483-84. *JSPR:* a) Edmunds, S. "An automatisfs scripts compared with some original writings by the alleged communicator." 43 (1966): 263-67; b) R: 43 (1966): 267-70; c) Barrington, M. R. "How much could Miss Cummins have known?" 43 (1966): 289-300; d) D: 43 (1966) 378-82; 44 (1967): 45-48, 164, 211.

24. Stevenson, I., revisto por Cummins, *JASPR* 61 (1967): 81-84.

25. *Gauld, A. "The super-ESP hipothesis". *PSPR* 53 (1961): 226-46.

26. Três dos muitos exemplos relacionados com a hipótese da sobrevivência: a) Stevenson, I. "New evidence on an important detail in the case of Abraham Florentine". *JASPR* 59 (1965): 47-55; b) Zorab, G. "Experiments in extrasensory perception in connection with scientific investigation". *JSPR* 45 (1970): 211-220; c) Pearce-Higgins, J. D. e Heywood, R. "The blue dress case". *JSPR* 45 (1970): 237-45.

27. a) Stevenson, I. "The analysis of a mediumistic session by a new method". *JASPR* 62 (1968): 334-55; b) Pratt, J. G. "On the evaluation of verbal material in parapsychology". *Parapsychological Monographs* n.° 10. Nova York, PF 1969.

28. Sobre a investigação de sensitivos em geral: a) Roll, W. G. "The contribution of studies of 'mediumship' to research on survival after death". *JP* 24 (1960): 258-78; b) *"Hints on sittings with mediums". Londres: SPR 1965; c) *Roll, W. G. "Designs for tests with free response material". *JASPR* 56 (1962): 184-95. Métodos estatísticos: Roll, W. G. e Burdick, D. S., "Statistical models for the assess-ment of verbal and other ESP responses". *JASPR* 63 (1969): 253-72.

JACOBSON, Nils. **Vida Sem Morte**. São Paulo: Círculo do Livro, 1971, pp.149-176. Tradução de Archibaldo Figueira, 1975.